

PORTAL DA TERRA: O ESPAÇO E O LUGAR *Earth's gate: space and place*

Lívia de Oliveira¹

RESUMO

Terra, espaço e lugar projetam a reflexão do momento atual da Geografia Humanista Cultural: necessidade de crítica e autocrítica, mas também de ponderar sua contribuição à geografia contemporânea. O espaço da humanidade, a identidade do lugar e o portal da Terra: entrelaçamento-cruzamento-encontro espaço/lugar/terra, conformando identidades de forma topológica como horizonte para a Geografia do amanhã.

Palavras-chave: Geografia Humanista Cultural. Identidade. Geograficidade.

ABSTRACT

Earth, space and place project the reflection of the present moment of Humanist Cultural Geography: need of criticism and self-criticism, but also reflection of its contribution to contemporary geography. The space of humanity, the place's identity and the Earth's gate: interweaving-crossing-meeting space/place/earth, constituting identities topologically as a horizon for the Geography of tomorrow.

Palavras-chave: Humanist and Cultural Geography. Identity. Geograficity.

¹ Professora Emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.
✉ Av. 1, 705, apto. 43, Centro, Rio Claro, SP. 13500-402.

“Enraizamento, identidade, sentido de lugar, casa, experiência, percepção são ideias e temas que se destacaram a partir do movimento humanista e cultural. Resistência, fluidez, soberania, empoderamento e territorialidade são ideias e questões discutidas na esteira da mundialização. O que tem em comum?”

Marandola Jr. (2012, p. XIV)

O que temos de comum é que vivemos e morremos nesta nossa Terra, de nossos antepassados e de nossos descendentes. Um ponto de partida para se compreender estas e outras questões é voltar nossas preocupações, pesquisas, nossos esforços, e principalmente nossas posturas às condições geográficas desta “nossa única morada”.

Assim sendo, o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) que não nasceu do nada, mas sim de uma sólida convergência de ideias, ideais, reflexões, e pela ousadia, surpresa e inovação. Surgiu da reunião de um punhado de interessados e estudiosos, em busca de uma geografia voltada para as questões filosóficas da ciência geográfica: nasceu para ser independente e para ter pluralidade; para incrementar a crítica e assumir uma autocrítica; para alargar o horizonte de discussão, e conseqüentemente produzir conhecimento. Ao compreender e aceitar outros pontos de vista, acolhe outras ideias e formas de pensar.

Nesta estrada já trilhada, o Grupo encontrou dificuldades e tropeços, que foram vencidas pelo profícuo trabalho científico desenvolvido, pelas atitudes adotadas diante das dúvidas, e principalmente pelas pesquisas publicadas, propondo, assim novas abordagens, ampliando nossos espaços e lugares de atividades científica e cultural. Variou o ponto de saída de cada um, porém a chegada foi uma só comum: a geografia humanista e cultural. Uns partiram da filosofia, deste ou

daquele filósofo, quer pela ontologia ou pela epistemologia. Outros enveredaram pelo paladar, provando sabores, saberes e fazeres. Outros ainda, desvelando a beleza e a poesia da literatura, conciliando a profundidade, a leveza e a arte da geografia literária. Outrem, rompendo os sons à procura de harmonias e acordes musicais populares e eruditas.

O elo que nos aproxima são, realmente, as nossas proposições, nossas determinações e nossas reflexões. São as nossas ações afirmativas, traduzidas em investigações, em trocas de ideias, em encontros e cursos, na procura das tendências atuais, na busca da diversidade e da pluralidade.

Para entender e participar deste mundo atual, pois do século XXI, se decorreu um quinto de seus anos, precisamos compreender esta geração que aí está. Ultrapassamos a geração dos Millenials, deixamos para trás a geração Y. A internet, os celulares, os aplicativos, agora tão banais e de uso comum por todos, independente de classes e países. O que estamos assistindo é a chegada dos Centennials, a geração Z, crianças índigo e cristal, com outro vocabulário, com outros anseios e desejos e com visões e valores outros, com uma consciência planetária, com esperança de novas gerações à vida. Pois, as questões são culturais, em vez de econômicas. A curiosidade, a abertura, não é de contemplação, mas de ação, de realização. É um cenário inédito, com uma língua universal, instigante e seminal.

Todas estas reflexões desembocam em um rio comum a todos nós – nossa Terra, nosso portal, nossa ponte. É o momento da Geografia Humanista Cultural dar o seu recado. Aí está o espaço da humanidade e é este o lugar da identidade.

ESPAÇO DA HUMANIDADE

“Sem a luz das artes e das humanidades, as ciências não podem iluminar sozinhas a totalidade da experiência humana.”

Damáσιο (2018, p. 15)

A epígrafe não deixa dúvidas que as artes e as humanidades são pontes entre a vida e a nossa Terra, desempenhando papéis relevantes e complementares com a ciência. Adentrando por este portal atingimos a Terra em seu espaço e em seu lugar.

De início, não concordamos com Holzer (2012) em substituir o termo **espaço** por **mundo**. Por que não continuar empregando, em Geografia, os dois vocábulos? Um completando o outro. Talvez explorar e ampliar mais o conceito de **mundo**, mas não em detrimento de **espaço**. Lembramos que a tradição milenar já consagrou o substantivo espaço, com muita propriedade e aceito por todos e em todas as línguas e agremiações. Além disso, a pertinência simbólica dos binômios espaço/tempo, geografia/história, espacialidade/temporalidade estão imbricados. A Terra, se nos apresenta, com suas duas faces espacial e temporal engendrando um todo indissociável.

O espaço da humanidade se confunde com a própria Terra. Para estudá-lo, compreendê-lo e estabelecer relações intrínsecas se faz necessário apreendê-la em suas representações, em sua concretude e sua imagética. Estes mapeamentos, implicitamente, são escalares, elementares, fotométricos, perspectivos, projetivos, locais e outros mais. Este espaço da humanidade que investigamos, analisamos, vivenciamos, nascemos e morremos, nos conduz à reflexão fenomenológica e geográfica. Revelando pensares e fazeres vários, ontológicos, axiológicos, psicológicos, de forma e de conteúdo, partindo e chegando sempre na Geografia, especialmente a Humanista Cultural.

Esta aventura do espaço da humanidade iniciou há milênios, quando os sapiens vivendo em cavernas, estarecidos com as milhares de estrelas no firmamento, procurando entender os “movimentos” do sol e da lua; temerosos dos perigos circundantes, sem prever o amanhã e quase se esquecendo do ontem. Porém, este espaço da humanidade foi aos poucos desvendado e modelado em seus recônditos misteriosos, revelando seus segredos ocultos, prevendo acontecimentos, registrando os fatos e criando um mundo mais aconchegante, mais seguro e mais permanente. Após milhares e milhares de séculos, o espaço da humanidade se defronta, agora, com este estado da ciência e desta tecnologia, no terceiro milênio, digital, informático, imensurável, globalizado, complexo.

Em nossos dias, o espaço humanizado se nos desvela móvel, mutante, fugaz, fluido. O aparecimento e o desaparecimento rápido e renovador das mídias sociais, com as revoluções das comunicações, com o aumento das populações, não são acompanhadas pelas instituições e pelas condutas humanas. Segundo o informativo do X SEGNUM (2019, n.p),

momento propício para colocar-se naquela fissura, no lapso “Entre passado e futuro”, presentificando nossa historicidade e geograficidade para nos ajudar a compreender o momento em que não apenas o GHUM, mas o próprio horizonte das geografias humanistas e culturais no Brasil vivencia hoje.

O desafio está aí, a nossa frente. E nós, estamos aqui para pensar, refletir, discutir, realizar o nosso trabalho de cientistas, e principalmente, de indivíduos que desejam, sentem e sonham com o espaço da humanidade com mais calor, cor, amor e com olhar mais simples, porém mais profundo, mais abrangente e mais poético. É “O Homem e a Terra”, do nosso velho/novo Dardel (2011, p.3), nos

lembrando que: “presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se no poeta”. Buscando uma “linguagem direta e transparente” sem artifício, um discurso simples e fiel.

O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante de nosso espaço da humanidade. Este não deve ser retratado pela permanência e unicidade, ancorando grupos em espaços demarcados e murados. Não deve ser restrito e estigmaticamente relacionar grupos ou povos com lugares e regiões (LIMA, 2019, p.3);

LUGAR DA IDENTIDADE

“[...] o lugar não é objeto, pois implica a insubstancialidade pela qual a identidade não é lógica, mas topológica. Somos lugar não por um ato da consciência, mas por seu sentido ético que possibilita a alteridade na identidade.”

Lima (2019, p. 34)

Sim, concordamos que a identidade não é lógica, nem com forma definida e imitável; é muito mais topológica como o lugar. Este, implicando sempre estar perto ou estar longe, encontrar-se próximo ou longínquo, constituir-se em hospitalidade e hostilidade, e, supor-se contínuo o descontínuo. É ser muito mais um modo de vida do que um estilo de vida. Nós nos movimentamos em lugares topológicos ligados às identidades de lugaridade, intencionalidade e de alteridade. A objetividade e a subjetividade do lugar na identidade estão sempre se reinventando, se reinterpretando, se reescrevendo, se representando. O lugar da identidade precisa ser experienciado inteiramente, empiricamente e não relegar a experiência direta em prol dos novos meios de comunicação e sensação.

O lugar da identidade confronta dilemas humanos relacionados às novas tecnologias, evitando o engessamento da realidade, e, agora da realidade do universo virtual. Isto é, são os múltiplos olhares: relação homem/Terra em sua geograficidade, e a presença concreta do lugar em sua historicidade. A História nos fornece novas surpreendentes perspectivas, abrindo novas fronteiras, propiciando junção de novos acontecimentos, sondando a identidade do lugar. Enquanto isso, a Geografia nos descortina novos horizontes, carregados de novos valores e profundos sentimentos. O que une História e Geografia, ou seja, o que une tempo e lugar, não é o que se separa, mas, é o diálogo que fundamenta pontos de interseção entre espaço da humanidade e o lugar da identidade. É o portal da Terra abrindo pontes de comunicação e de aceitação do diferente, do outro.

Este lugar da identidade se confunde com a própria Terra, é o campo de encontro entre o pensamento científico e o conhecimento do senso comum. É o movimento fenomenológico em busca do saber, de experiência, do sentido e da significação. É preciso que este lugar se transcenda a pura identidade, esforçando-se a atingir a ideia de lugar como gente e como coisa. Significando o Eu, o Outro ou o Nós e os Outros, perpassando, eticamente, em respeito à alteridade, à identidade e à territorialidade.

Podemos aceitar que o lugar da identidade seja uma biblioteca, com seu acervo milenar, guardiã da sabedoria, das conquistas do pensamento e, dos acontecimentos históricos e geográficos. Podemos considerar a Biblioteca de Alexandria, uma das Maravilhas do Mundo antigo como o lugar da identidade dos registros da civilização da vida dos homens, a instituição protetora de escrituras e luminárias, com funções e estrutura para preservar a ciência, a erudição, a arte e a cultura, do passado, presente e futuro.

Portal da terra: o espaço e o lugar

Lívia de Oliveira

Assim, podemos aceitar que a nossa Geografia Humanista Cultural possa ser o relicário do espaço da humanidade e o tesouro da identidade, como porta da Terra.

ENTRELAÇAR PORTAL DA TERRA COM ESPAÇO E LUGAR

As relações de espaço e lugar. Na experiência o significado de espaço, frequentemente se funde com o de lugar. "Espaço" e mais abstrato do que "lugar". O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Tuan (2013, p. 14)

Por que entrelaçar a Terra com espaço e lugar? Por que abordar o espaço como humanidade e o lugar como identidade? Por que situar ante ao portal da Terra? Talvez, porque sempre me fascinaram estas palavras: Terra, espaço e lugar.

Quando comecei a refletir, pesquisar e estudar sobre esses temas, sempre os concebia como intrinsecamente entrelaçados. Um começa e termina no outro, e vice-versa. A ordenação de todos estes conceitos estão imbricados na Geografia, nas abordagens filosóficas, adentrando pelos portais, nos dando as localizações imagéticas, estruturais, e mesmo, sentimentais. No mapeamento da Terra não existe distância entre espaço/lugar/terra, pois estes elementos se interagem. Tentar romper essa tríade, é como se atentar separando o perceber do percebido. Na realidade é um todo o ser e o sentir.

Os portais da Terra filtrados pelo espaço e pelo lugar são conexões, sinalizações, interativos, são pontes que comunicam o nosso mundo interior como o mundo exterior. São ligações gerando perspectivas inatas de linguagem e permitindo a aquisição de novas e surpreendentes leituras, processando mudanças e transformações. Os portais da Terra

ligados ao espaço e ao lugar correm o perigo de se transformarem em artifícios tecnológicos. Correm o risco existencial de se converterem em armas contra a própria humanidade, comprometendo a identidade. Daí, pensar sobre nosso futuro próximo, procurando encontrar saídas, pelos portais da Terra, pela própria Terra, pelo próprio espaço/lugar.

Aqui, ficam minhas palavras de advertência, porém carregadas de otimismo, confiança e determinação. E as palavras candentes e fundantes de Eric Dardel (2011, p. 41, 43, destaques no original).

A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda a consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação. Ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ela surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu habitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu pensar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir.

[...]

O homem procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a **reconhece**. 

REFERÊNCIAS

COMISSÃO ORGANIZADORA X SEGHUM. X Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia: Entre passado e Futuro. **Início**. Niterói, 2019. Disponível em: <https://xseghum.weebly.com>. Acesso em: set. 2019.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas, as origens biológicas dos sentimento e da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 338 p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159 p.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de Geografia fenomenológica. MARANDOLA JR. E. J.; HOLZER, W.; OLIVERIA,

Portal da terra: o espaço e o lugar
Lívia de Oliveira

L. (Orgs) **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

LIMA, Jamille da Silva. O sentido geográfico da identidade, metafenomenologia de alteridade payayá. 2019. **Tese** (doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, 2019, 256 p.

MARANDOLA JR., Eduardo J. Sobre Ontologia. MARANDOLA JR., E. J.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. xiii-xvii.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013, 247 p.

Submetido em Dezembro de 2019.

Aceito em Janeiro de 2020.